



RELATÓRIO ECONÔMICO

● ● ● Novembro 2025

.Sincomavi

CARTA DE CONJUNTURA - Novembro 2025

Estamos chegando mais próximos ao último mês de 2025. É um momento interessante para analisarmos um pouco do que foi este ano, deixando para o mês que vem as primeiras impressões do que nos aguarda em 2026. E olha que se no atual ano tivemos uma dicotomia entre os resultados do primeiro semestre com os já previstos do segundo, para o ano que vem adiantamos que a tendência de arrefecimento não mudou.

Quando citamos que o ano de 2025 é marcado por períodos de oposição quanto ao ritmo de avanço da atividade econômica, não é algo tão surpreendente. Após o crescimento da economia em 3,4% ano passado (bem acima das previsões iniciais), era esperado que houvesse um “empurrão” positivo à economia em seu início de 2025. E foi o que ocorreu. O agro puxou para cima o PIB no 1º trimestre e o consumo das famílias se manteve razoavelmente resiliente, até sustentado por um mercado de trabalho bastante aquecido.

Já no final do 1º semestre a desaceleração prevista para a 2ª metade do ano começou a se apresentar. O cenário de preços internos ainda resistentes e os maiores impactos dos juros elevados na economia real (consumo e investimento) começou a dar as caras. A nossa taxa de crescimento no 2º trimestre foi 1/3 da vista no 1º trimestre (com ajustes sazonais) e a prévia do PIB (o IBC-BR) do 3º trimestre já nos mostrou uma retração de 0,9% em relação ao 2º (novamente com ajuste sazonal).

Diante do exposto, observa-se que, embora o mercado de trabalho ainda tenha sustentado a renda das famílias ao longo deste ano, tal rendimento foi progressivamente corroído por uma inflação que apenas recentemente apresentou sinais de desaceleração. Adicionalmente, o orçamento familiar foi impactado pelos elevados patamares de endividamento e inadimplência, reduzindo a margem disponível para novos consumos. Por fim, a atual política monetária afetou as concessões de crédito, encarecendo as linhas tanto para pessoas jurídicas quanto físicas, e restringindo, assim, a expansão da renda desses agentes econômicos.

Assim, 2025 será lembrado como um ano de progresso inicial impulsionado pelo bom avanço econômico de 2024, mas também por uma perda de ritmo causada pela política monetária voltada ao controle da inflação (mesmo que em meio ao descontrole fiscal vigente). Embora os juros elevados sejam uma solução dura, eles afetam diretamente o potencial de crescimento do país. Para 2026, mesmo que os juros comecem a cair durante o ano, espera-se que a desaceleração da economia continue. Isso exigirá ainda mais planejamento, eficiência e boa gestão tanto dos empresários quanto dos consumidores, seja na administração do fluxo de caixa dos negócios ou no controle do orçamento das famílias.

ESTIMATIVAS PARA A ECONOMIA BRASILEIRA NO FECHAMENTO DE 2025:

- **PIB:** 2,2%
- **Inflação (IPCA/IBGE):** 4,4%
- **Taxa SELIC:** 15,00% a.a.
- **Taxa de Câmbio:** 5,40
- **Balança comercial (em US\$):** + 65 bi
- **Taxa de desocupação ao fim do ano (PNADc/IBGE):** 5,8%
- **Volume de vendas do comércio ampliado BR (PMC IBGE/12 meses):** +1,7%
- **Volume de serviços BR (PMS IBGE/12 meses):** +3,0%

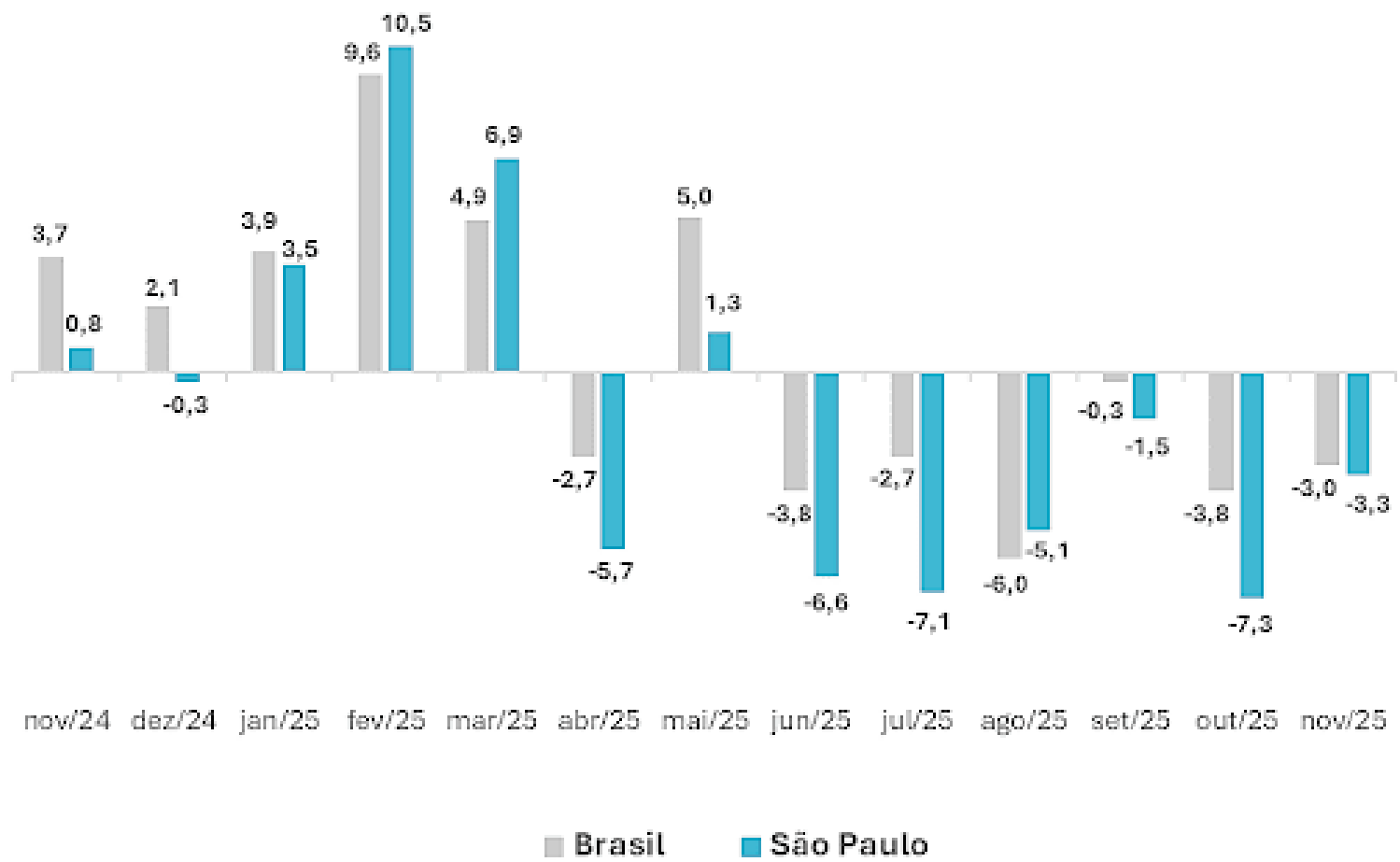


JAIME VASCONCELLOS

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO - IBGE

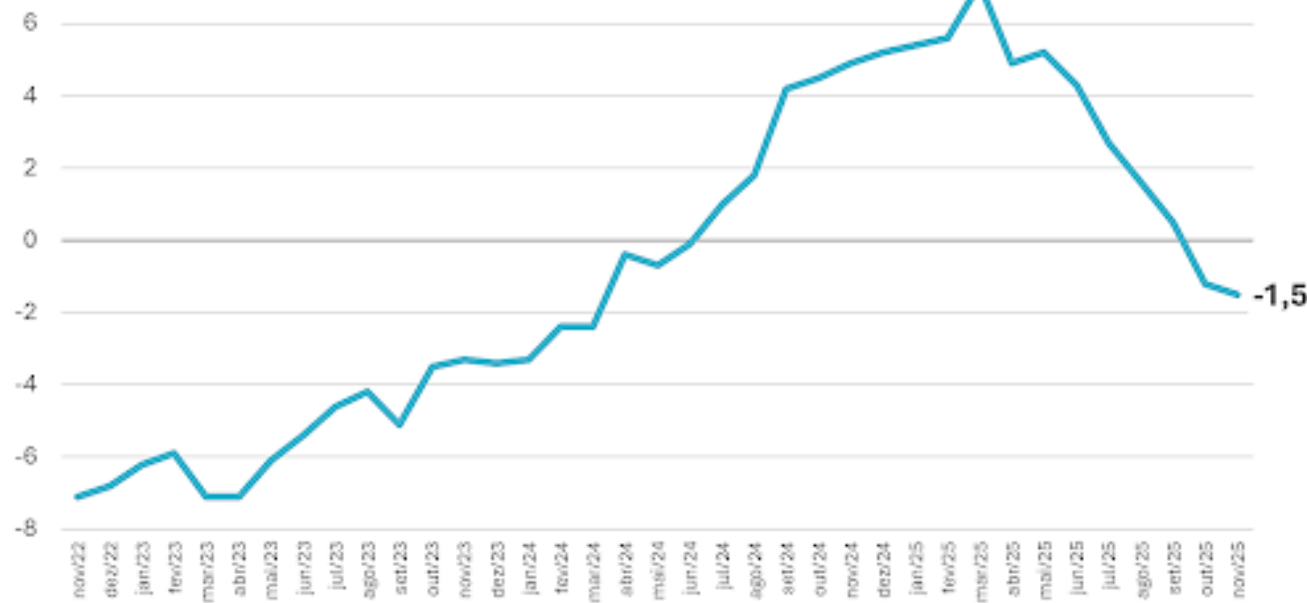
Em novembro, o volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo caiu 3,3% em relação ao mesmo mês de 2024, a sexta retração seguida do indicador, medido pela Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em âmbito nacional o setor teve desempenho similar, ou seja, queda de 3,0% em novembro, também o sexto recuo consecutivo.

Evolução mensal do índice de volume de vendas do comércio de material de construção
Mês contra mesmo mês do ano anterior



Nos onze meses de 2025 ocorreu uma queda acumulada de 1,6% nas vendas em território paulista. No país, a retração foi menos aguda, de 0,2%. Com isso, no acumulado dos doze meses encerrados em novembro, enquanto no mercado nacional houve estabilidade do índice, no Estado de São Paulo a PMC registrou uma diminuição de 1,5% em comparação aos doze meses imediatamente anteriores.

Evolução do índice de volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo – Taxa acumulada de 12 meses



PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO - IBGE

“Os resultados do período apenas apresentam continuidade da negativa, portanto, difícil trajetória da performance em vendas do comércio de material de construção no país e, de forma ainda mais evidente, no Estado de São Paulo,” pontua o economista Jaime Vasconcellos. Em sua opinião, o setor, conforme o esperado, sentiu de forma mais profunda no segundo semestre de 2025 os impactos dos juros altos no já apertado orçamento das famílias. “Tais consumidores até possuem uma renda sustentada pelo aquecido mercado de trabalho, porém este rendimento possui elevado grau de comprometimento frente às dívidas em atraso ou não”. Tal cenário faz com que ocorra maior direcionamento da renda disponível para bens de consumo não duráveis e “essenciais”, deslocando resultados para tais ramos em detrimento de outros, como acontece com o varejo de material de construção.

OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.

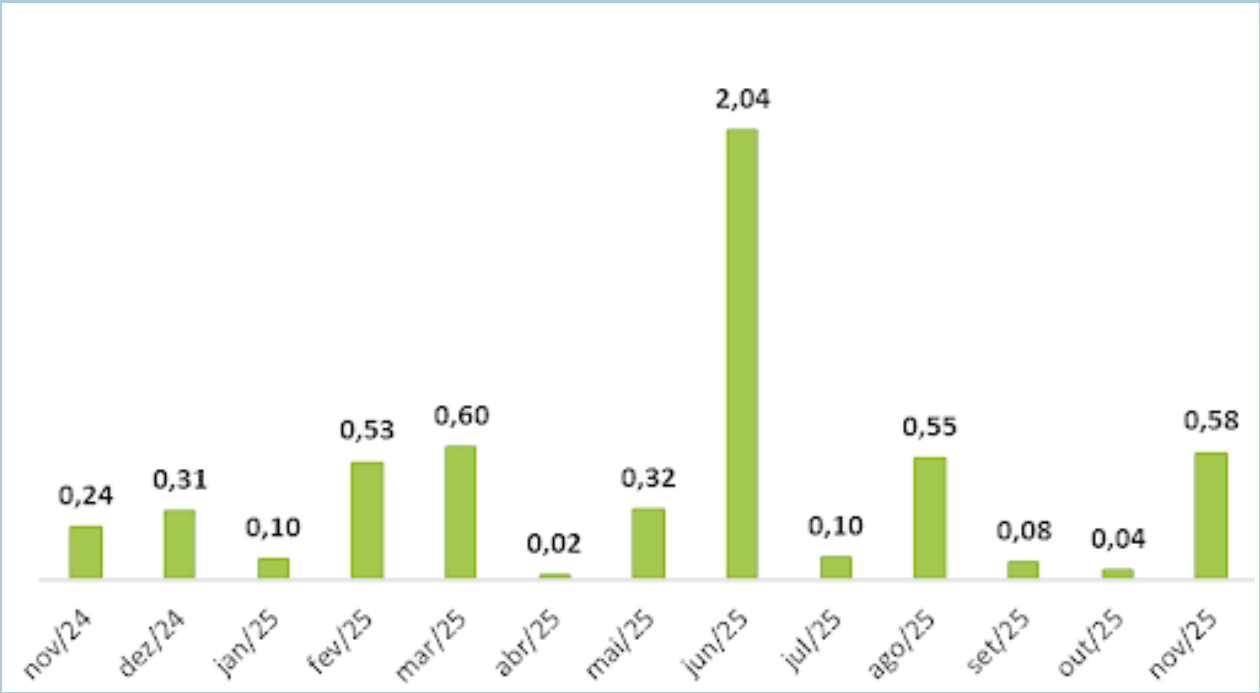
Fonte: PMC/IBGE



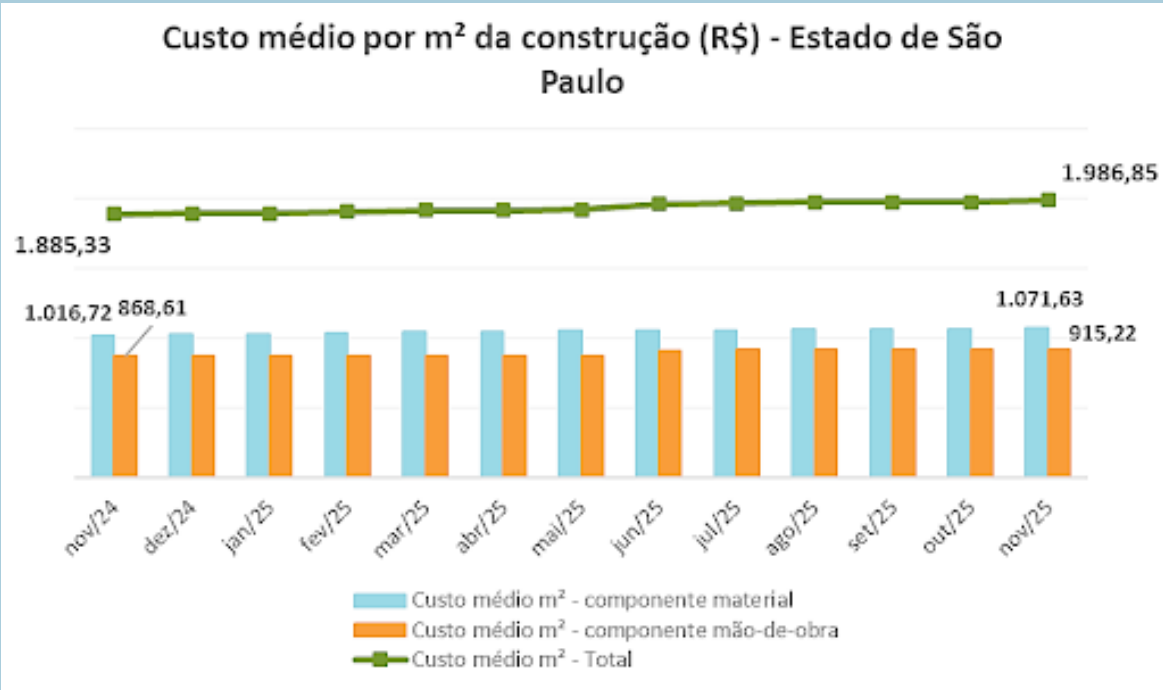
INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

Depois de dois meses com baixa variação, o custo médio do metro quadrado da construção civil no Estado de São Paulo voltou a acelerar, segundo o Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi/IBGE). Em novembro, o aumento foi de 0,58%, a maior desde junho e mais que o dobro em relação ao mesmo mês do ano passado (+0,24%).



Em termos monetários, o metro quadrado da construção atingiu os R\$1.986,85, uma variação de R\$11,41. Esta diferença ocorreu unicamente pelo acréscimo do custo médio com o material de construção, que subiu de R\$1.060,22 para R\$1.071,63 o m². Já o valor médio gasto com a mão de obra se manteve nos R\$915,22. Cabe constar que, no acumulado de 2025, a inflação da construção civil paulista é de 4,96% e em 12 meses de 5,38%.



O custo médio total do m² da obra no Estado de São Paulo novamente foi o sétimo mais elevado dentre as Unidades da Federação. A liderança passou a ser de Santa Catarina, com R\$2.141,49 e a menor se manteve com o Estado de Sergipe, com R\$1.670,98. A média brasileira foi de R\$1.882,06 em novembro, um aumento de 0,25% em relação a outubro.

	Posição e UF	Custo total médio do m² (R\$)
1º	Santa Catarina	2.141,49
2º	Acre	2.129,62
3º	Rondônia	2.083,09
4º	Roraima	2.073,37
5º	Rio de Janeiro	2.068,61
6º	Paraná	2.034,04
7º	Mato Grosso	1.989,99
8º	São Paulo	1.986,85
9º	Tocantins	1.944,93
10º	Distrito Federal	1.925,20
11º	Amapá	1.912,87
12º	Pará	1.910,07
13º	Amazonas	1.889,50

INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

O economista Jaime Vasconcellos comenta que já era esperado que em algum momento o custo médio da construção civil paulista voltasse a se elevar de forma mais significativa, após variações praticamente neutras em setembro e outubro. E foi o que ocorreu agora em novembro, em patamares até um pouco além das expectativas iniciais.

“Inicialmente, avalia-se que o movimento foi pontual”, afirma. De acordo com dados mais profundos do próprio IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), a pressão mensal pode ter ocorrido até pela influência do preço médio dos materiais hidráulicos, que somente na Região Metropolitana de São Paulo apresentou uma variação significativa de 2,27% neste último mês de novembro.

**Para informações econômicas
atualizadas, acesse:
www.sincomavi.org.br**



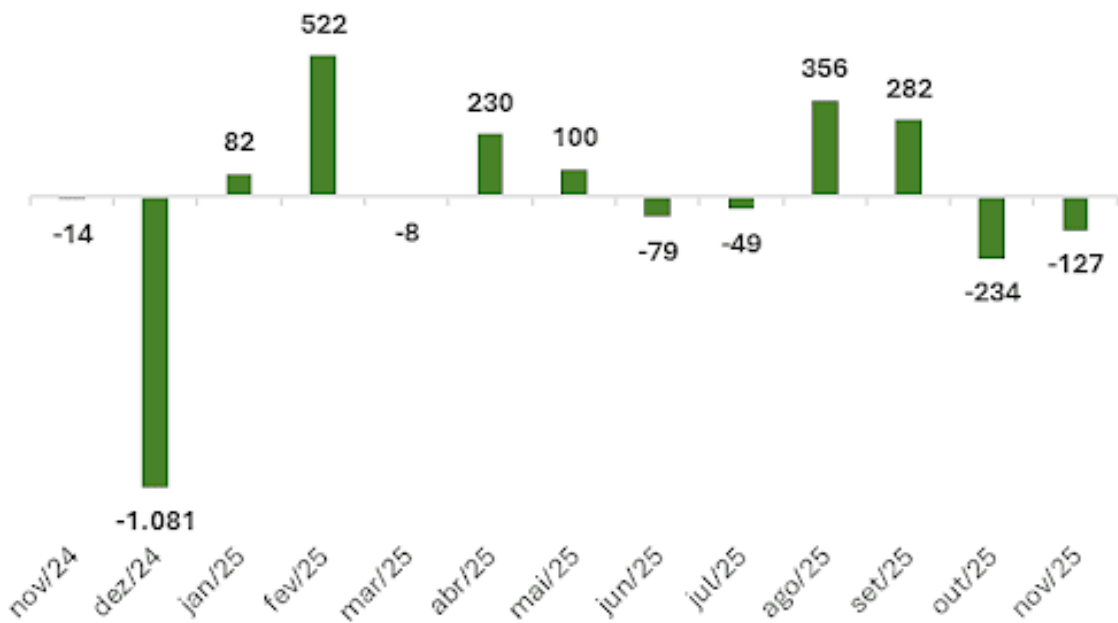


MERCADO DE TRABALHO

CAGED

Dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) mostram que novamente o varejo de material de construção contou com redução do mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Em novembro, foram 127 vagas a menos, após o registro de 3.058 admissões e 3.185 desligamentos. Em outubro já havia sido registrada uma redução de 234 vagas. Após tais resultados, o estoque ativo do setor atingiu 96,8 mil trabalhadores na Grande São Paulo.

Evolução do saldo de empregos do varejo de materiais de construção – RMSP e São Paulo/SP

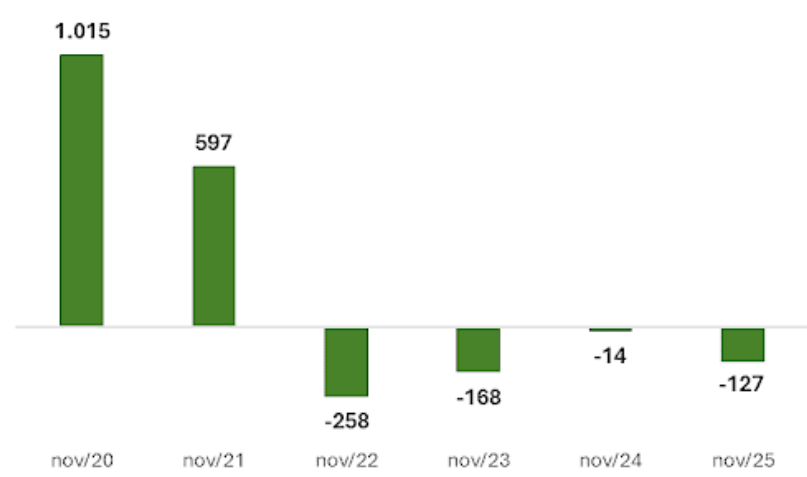


Nos últimos quatro anos o mês de novembro ficou marcado por saldos negativos de postos de trabalho, segundo o levantamento. A questão é que em 2025 tal redução se revelou bem mais aguda que a verificada em novembro do ano anterior, período no qual apenas 14 empregos haviam sido extintos.

MERCADO DE TRABALHO

CAGED

Evolução do saldo de empregos do varejo de materiais de construção na RMSP – Meses de setembro



Seis dos nove segmentos que formam a cadeia setorial do varejo de material de construção da Região Metropolitana apresentaram redução de empregabilidade nesta última edição do Novo Caged. Em números absolutos, destaques aos estabelecimentos de material de construção em geral (-101 vagas) e de madeira e artefatos (-48 vagas).

Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	37	35	2	1.048
Ferragens e Ferramentas	599	554	45	16.708
Madeira e Artefatos	184	232	-48	7.243
Materiais de Construção em Geral	1.553	1.654	-101	49.551
Materiais Hidráulicos	68	76	-8	2.270
Pedras para Revestimento	57	62	-5	1.929
Material Elétrico	276	254	22	8.474
Tintas e Materiais para Pintura	153	160	-7	4.754
Vidros	131	158	-27	4.850
Total	3.058	3.185	-127	96.827

Fonte: Novo Caged
Elaboração e cálculos: Sincomavi

JDe janeiro a novembro, por outro lado, o saldo continua favorável em mais de 1 mil empregos gerados. É preciso ressaltar nesse ponto o desempenho dos varejos de ferragens e ferramentas (+390 vagas), de materiais elétricos (+311 vagas) e de tintas e materiais para pintura (+184 vagas). Vale lembrar que o desempenho parcial de 2025, ainda que positivo, é cerca de metade do visto no período de janeiro a novembro de 2024.

Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	474	474	0	1.048
Ferragens e Ferramentas	7.357	6.967	390	16.708
Madeira e Artefatos	2.989	2.913	76	7.243
Materiais de Construção em Geral	20.775	20.842	-67	49.551
Materiais Hidráulicos	931	850	81	2.270
Pedras para Revestimento	938	883	55	1.929
Material Elétrico	3.609	3.298	311	8.474
Tintas e Materiais para Pintura	2.301	2.117	184	4.754
Vidros	2.473	2.428	45	4.850
Total	41.847	40.772	1.075	96.827

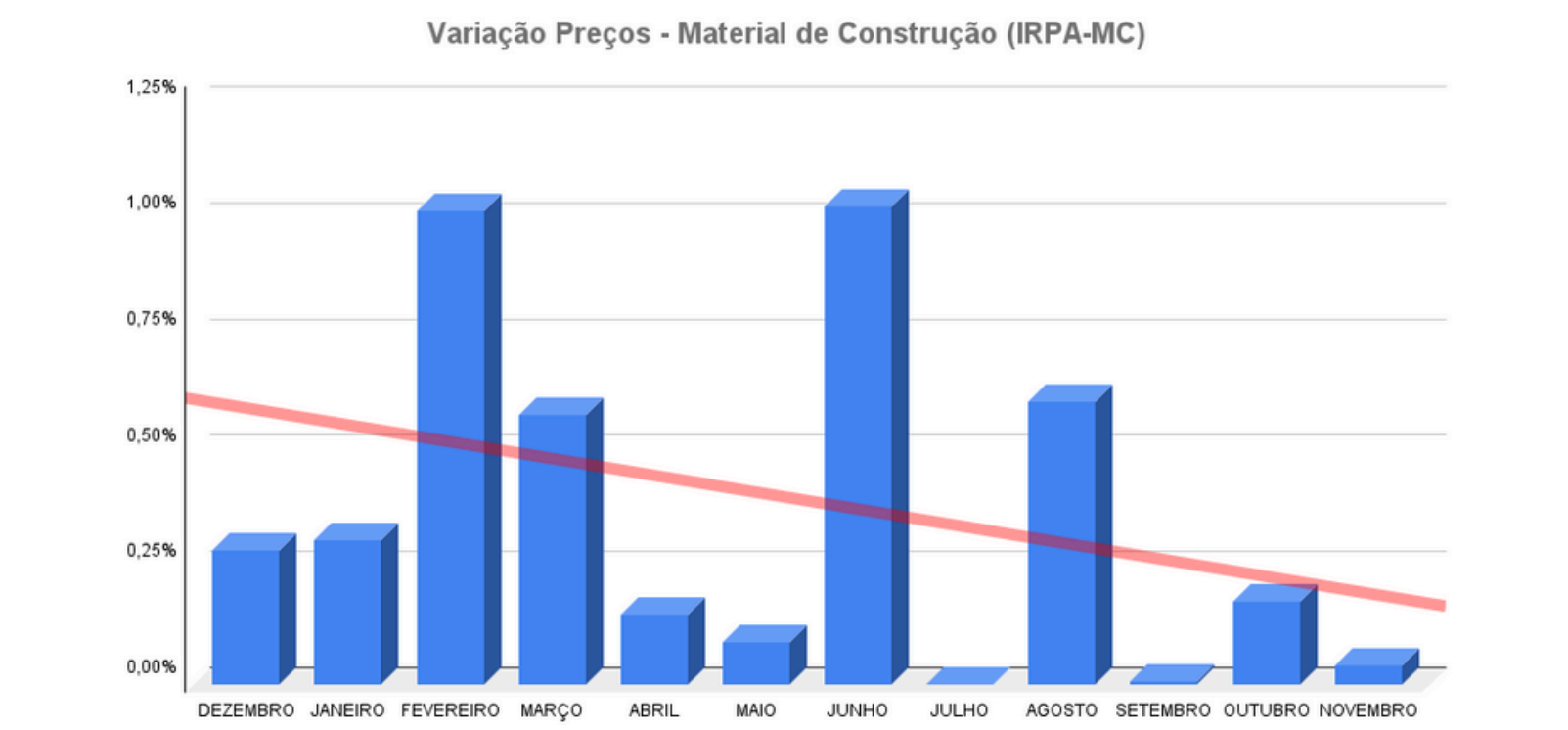
Fonte: Novo Caged
Elaboração e cálculos: Sincomavi
*Até novembro

O economista Jaime Vasconcellos comenta que, como citado em avaliações anteriores, já era previsto que os indicadores de emprego formal no varejo de material de construção da Região Metropolitana de São Paulo apresentassem resultados negativos nos meses do último trimestre de 2025. “Tal comportamento acompanha tendências sazonais observadas em anos anteriores”, reforça. Ele lembra ainda que, nesse período, a renda das famílias, incrementada pelo pagamento do décimo terceiro salário, é majoritariamente direcionada a outros segmentos do varejo, especialmente na aquisição e troca de presentes, além do setor de serviços, considerando despesas com lazer, confraternizações e turismo. “Assim, o segmento de material de construção ajusta-se, inclusive em relação ao seu quadro de colaboradores”, ressaltta. Destaca-se, ainda, que tanto o saldo positivo anual inferior ao registrado em 2024 quanto a retração mais acentuada deste último trimestre em comparação ao ano anterior apenas confirmam o cenário de desaquecimento do mercado de trabalho. “Esse movimento acompanha a tendência observada em outros segmentos e no país de maneira geral quanto aos níveis de empregabilidade e ao desempenho econômico”, finaliza Jaime.

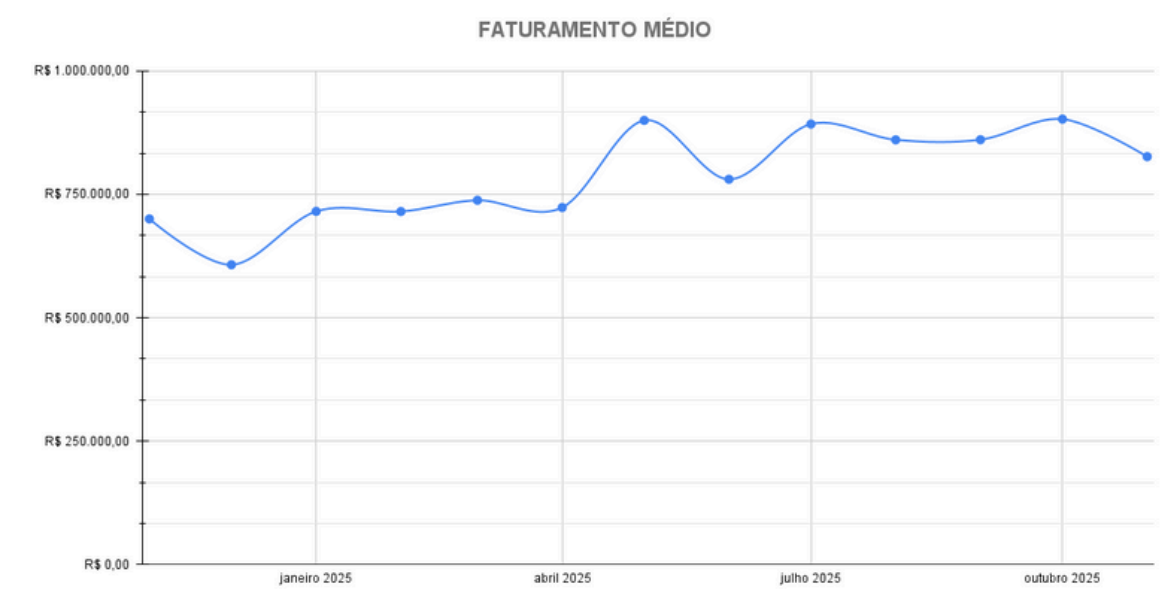
INDICADORES SETORIAIS

IRPA-MC

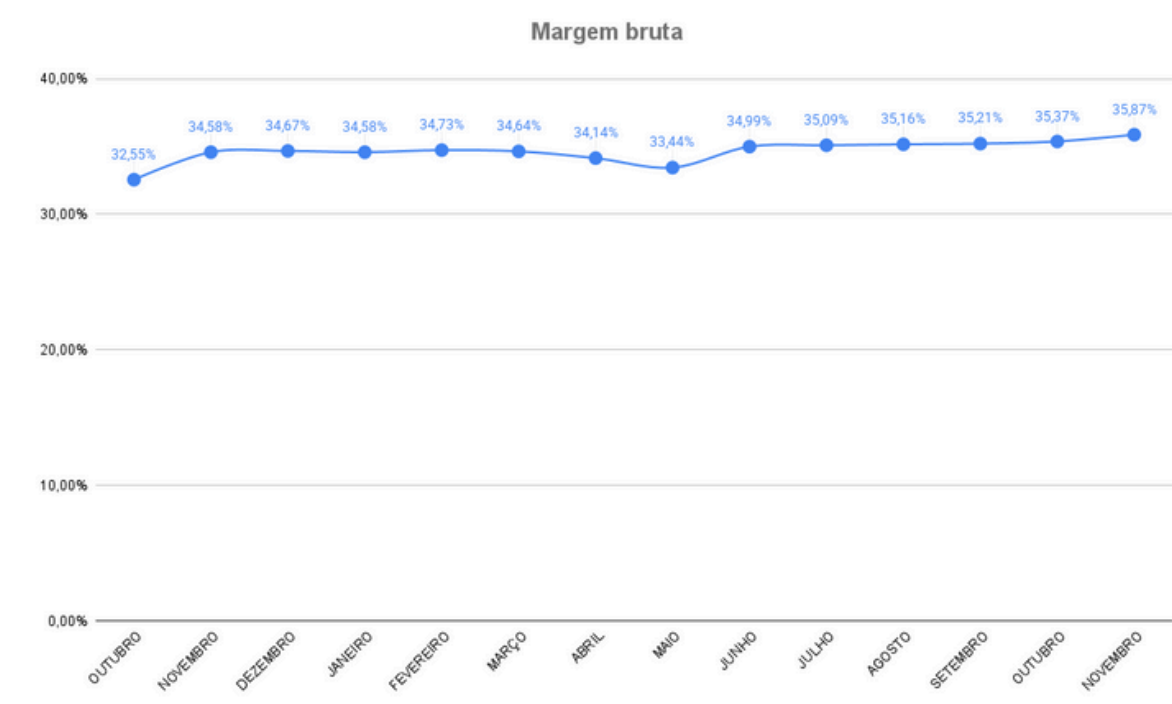
A trajetória de queda nos preços dos materiais de construção teve prosseguimento em novembro, segundo o Índice Azure de Reajuste de Preços de Venda – Material de Construção (IRPA-MC). O indicador sofreu uma variação de 0,04% no período e, no acumulado dos últimos doze meses, alcançou 4,07%. Apenas como referência, em outubro esse acumulado ficou em 4,43%.



O faturamento médio contou com um expressivo recuo em novembro, passando de R\$902.429,00, registrado em outubro, para R\$826.389,00 no mês passado. Apesar dessa queda expressiva, o patamar alcançado ainda permaneceu acima da média de 2025: R\$810.023,00.



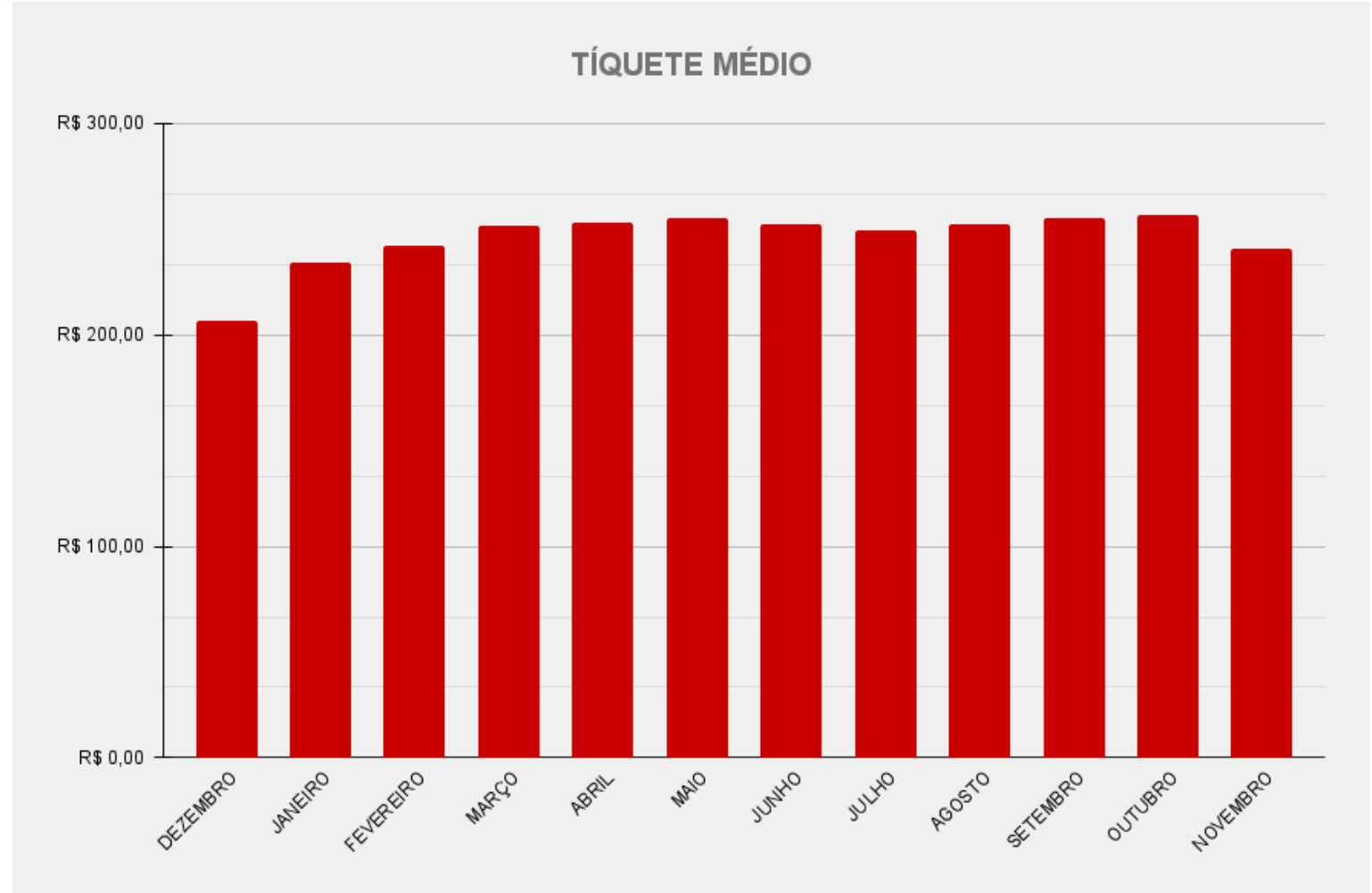
O estudo realizado pelo Sincomavi a partir de dados coletados pela Azure Sistemas em 432 lojas de pequeno e médio portes verificou ainda uma nova elevação na margem bruta das empresas – o 7º aumento consecutivo. O resultado de novembro representou também o maior nível já registrado nesse indicador, com 35,87%.



INDICADORES SETORIAIS

IRPA-MC

Por fim, novembro obteve o segundo pior desempenho do ano para o tíquete médio, com R\$241,07, perdendo apenas para janeiro (R\$234,21). Vale lembrar que as médias no acumulado de 2025 e dos últimos doze meses, R\$245,86 e R\$249,43, respectivamente, são superiores ao resultado obtido no mês passado pelo indicador.



Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos”. “Eletroeletrônicos”, entre outros, sofreram as seguintes variações em outubro de 2025.

PRODUTO	VARIAÇÃO
Ferragens	0,08%
Material de eletricidade	0,78%
Vidros	-3,01%
Tintas	0,21%
Ferramentas	nd
Revestimento de piso e parede	-0,48%
Madeira e taco	0,03%
Cimento	0,53%
Tijolo	1,69%
Material hidráulico	2,09%
Areia	1,23%
Pedras	-0,71%
Telha	0,32%
Chuveiro elétrico	0,14%
Ar-condicionado	-1,89%
Computador pessoal	-2,46%
Ventilador	-2,90%
Eletrodomésticos e equipamentos	-2,44%
Aparelhos eletroeletrônicos	-2,37%
Bicicleta	-0,73%



**SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS,
TINTAS, LOUÇAS E VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR**